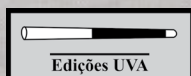


Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Organizador

# *Nossa Gente, Nossa História*

*O Ceará Republicano*



Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Organizador

*Nossa Gente,  
Nossa História*  
*O Ceará Republicano*

Sobral-CE  
2019



## ***Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano***

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222  
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

### **Conselho Editorial**

Adriana Brandão Nascimento Machado  
Carlos Augusto P. dos Santos  
Isorlanda Caracristi  
Nilson Almino de Freitas  
Regina Celi Fonseca Raick  
Telma Bessa Sales  
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

### **Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**

Marco Antonio Machado

### **Revisão**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

### **Foto da capa**

Passeio público, Fortaleza, 1919

### **Catálogo na publicação**

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

### **Filiada à**



### **Reitor**

Fabianno Cavalcante de Carvalho

### **Vice-Reitora**

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

### **Diretora das Edições UVA**

Maria Socorro de Araújo Dias

### **Conselho Editorial**

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)  
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo  
Ana Iris Tomás Vasconcelos  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Claudia Goulart de Abreu  
Eneas Rei Leite  
Francisco Helder Almeida Rodrigues  
Israel Rocha Brandão  
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque  
Maria Adelane Monteiro da Silva  
Maria Amélia Carneiro Bezerra  
Maria José Araújo Souza  
Maria Somália Sales Viana  
Maristela Inês Osawa Vasconcelos  
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele  
Renata Albuquerque Lima  
Simone Ferreira Diniz  
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros  
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

**N785** Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019. 294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8  
ISBN: 978-85-9539-035-5  
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.  
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

# Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

## Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

*Maria Malena Paiva Mesquita*

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

*Francisca Clédia Sousa de Oliveira*

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

*Letícia Rodrigues Gonçalves*

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

*Caubi Alves Braga*

*Naiane Nobre Martins*

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

*Pedro de Souza Filomeno Filho*

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

*Raimundo Nonato Fernandes*

## Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

*Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara*

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

*Adelina Lopes Guimarães*

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

*Sebastião Ferreira Carneiro*

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

*Paulo Ênio de Sousa Melo*

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

*João Henrique Brito Lima*

12. A Educação na República / 145

*Natanael Lopes Alves*

### **Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas**

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

*Vinícius Pereira de Sousa*

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

*Alan Silva de Moraes*

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

*Antonio Tarciano Aragão Sousa*

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

*Maria Deiziane Lino*

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groaíense / 205

*Raimundo Sousa Alves*

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

*Cleane dos Santos de Medeiros*

*Nilson Almino de Freitas*

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

*Francisco Sávio Barbosa do Nascimento*

### **Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano**

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

*Odail José Martins Freire*

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

*Valério Samaromni Moraes de Queiroz*

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

*Maely Alves de Mesquita*

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

*Carlos Augusto Pereira dos Santos*

# Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore<sup>1</sup>, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiraram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

---

<sup>1</sup> *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

*Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)*

Camocim, outubro de 2018.

# 1. “O rio é uma riqueza imensa”: usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980)

Maria Malena Paiva Mesquita<sup>1</sup>

Ao fazer um passeio pelo sertão nos dias de hoje, há possibilidade de encontrarmos um espaço diferente do que muitos imaginam. Aquele sertão como o espaço deserto ou atrasado e que assim permanece, ao ser entendido em sua realidade e cultura pode dar lugar ao sertão como sinônimo de “progresso”. No que diz respeito às estruturas das casas e à praticidade que a modernidade e industrialização trouxeram para o sertão, podemos elencar o uso de água encanada, luz, televisão e *internet* para um número considerável de residências.

É possível perceber que as pessoas que moram ou moravam na comunidade de *Fazenda Passagem*, no município de Santa Quitéria-CE, se admiram em dizer que “hoje as coisas estão muito diferentes, não é?”. Neste sentido, compreende-se que as memórias dos depoentes apresentam uma percepção de mudança que tinha início naquele período, mas que a velocidade com que as “mudanças” acontecem atualmente é mais impressionante.<sup>2</sup> O processo de modernização mudou os costumes e deu novos sentidos aos modos de ver a vida no sertão. Este não era um acontecimento sentido pelas pessoas inconscientemente, pelo contrário, era proposto, como veremos à frente, fazia parte de um discurso político, econômico e cultural.

A História que vamos contar aqui está situada nas primeiras décadas do século XX, marcadas por acontecimentos intensos. Em 1914 explode a Primeira Guerra Mundial, conflito de alcance mundial e trouxe mudanças econômicas e políticas. As indústrias conheceram um grande crescimento e modernização e produção de meios de comunicação, que trouxeram mudanças também em aspectos sociais. O historiador cearense Sebastião Rogério da Ponte afirma que as mudanças não foram apenas econômicas

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Bolsista BIC/FUNCAP – UVA.

<sup>2</sup> Luiza Paiva Moura, 57 anos, Costureira. Entrevista realizada pela autora em 21 de agosto de 2018, Sobral-CE.

ou de ordem política, a modernidade do século XX “afetou profundamente o cotidiano e a subjetividade das pessoas, alterando seus comportamentos, seus modos de perceber e sentir”<sup>3</sup>. Como exemplo, temos as transformações na cidade de Fortaleza, que com a passagem do século XIX para o XX despertou para o novo século “no auge da *Belle Époque*”<sup>4</sup>, para a moda francesa. O século XX dava continuidade às novidades produzidas com a “revolução científico tecnológica (1850-1870)”<sup>5</sup> que se expandia pelo mundo levando novas tecnologias que traziam a modernização das cidades, mas que também chegavam às casas e vidas das pessoas.

O Brasil inicia o novo século com um novo modelo político, com a “proclamação da República em 1889, e as modificações que vieram com ela transformaram vários aspectos da gente brasileira”<sup>6</sup>. Assim, o país tinha o objetivo de caminhar para um futuro de ordem e progresso, referindo-se tanto às mudanças políticas, econômicas, quanto na mudança de hábitos que a modernidade dos novos tempos requeria.

Mas, como bem diz Mary Del Priore, “o país era feito de vários Brasis”, partes de uns pais que tinham “tempos diferentes”<sup>7</sup>. Para tanto, este artigo tem o objetivo de trazer para o campo historiográfico o cotidiano dos moradores no sertão durante a segunda metade do século XX, apresentando a relação dessas pessoas com as fontes de água, mais precisamente o Rio Groaíras, percebendo seus usos e significados culturais e também sociais nas tradições e vivência do sertanejo, bem como também discutir as mudanças dos usos do rio, a chegada das mudanças de hábitos e costumes que os novos tempos fizeram nesses espaços.

Para isso, buscamos discutir dentro do recorte temporal dos anos de 1930 a 1960, percebendo essas representações através das memórias de moradores da comunidade de *Fazenda Passagem*, utilizando como fontes seus depoimentos, pois compreendemos que “o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente”<sup>8</sup>. Este texto, portanto, se justifica na elaboração da escrita da história a partir desses sujeitos inseridos em um desses “brasis” de que fala Mary Del Priore, rememorando suas tradições, no cotidiano de um período marcado por muitas mudanças em âmbito mundial, mas que acabaram chegando a esses espaços mais remotos, embora que em “tempos” diferentes.

<sup>3</sup> PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUSA, Simone de. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, p. 163.

<sup>4</sup> *Id. Ibid.*, p. 163.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira*, V. 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 15.

<sup>7</sup> *Id. Ibid.*, p. 15.

<sup>8</sup> KHOURY, Yara. Narrativas Oraís na investigação da História Social. *Projeto História*. São Paulo, 22 de jun., 2001, p. 80.

## Dia a dia no sertão: água do rio serve para beber, comer, trabalhar e se banhar

É preciso que compreendamos que as mudanças que se fazem e refazem pelo mundo não chegavam à zona rural ou no sertão na mesma velocidade com que se viam nas cidades; cada espaço é constituído de uma “realidade histórica”<sup>9</sup>. Todavia, é preciso que contextualizemos o período, pois a partir deste entendimento poderemos compreender as relações do cotidiano dos homens e mulheres daquele período e naquele espaço ao qual iremos trabalhar.

É certo que o leitor fará a pergunta: por que falar da relação das pessoas com o rio? E respondemos que, já que falamos das transformações ocorridas durante o tempo, onde novas coisas surgem, outras perdem a utilidade ou apenas tem redefinição de suas funções. Colocamos coisas, pois não cabe aqui enxergar o rio como um objeto. Aqui pretendemos entender a relação do homem com a natureza; como o homem do sertão no período destacado enxerga e sente o rio, diante da realidade da vida do sertanejo, do pequeno proprietário que pauta seu trabalho na agricultura de subsistência, e esta vivência tem relação íntima com o homem deste espaço, para com a água, a chuva, com o ciclo da natureza: “[...] é muito importante, mulher, a gente morar na beira do rio. Ter água favorável, prá lavar, prá gente tomar banho, utilizar, beber. [...] Muito importante, a coisa... Ave Maria, prá mim era a riqueza. Morar na beira do Rio Groaíras”. Essas são as palavras de Luiza Paiva Moura<sup>10</sup>, moradora durante toda sua vida da comunidade de Fazenda Passagem, às margens do Rio Groaíras. | 11

As relações de trabalho perpassam na construção da cultura e das relações sociais, percebendo-as na religiosidade, música, alimentação entre outras ações em sociedade. Nas zonas urbanas, essas relações se reproduziam de maneira diferente. Para elencar isso, podemos dialogar com a historiadora Kenia Rios, ao falar do período das secas na História do Ceará<sup>11</sup>. Ela faz menção às reações e ações construídas pelos moradores da cidade de Fortaleza ao receber as grandes levas de “retirantes” vindos das áreas rurais. A autora propõe que a chuva, tão esperada pelos retirantes, para os moradores da urbe atrapalhavam suas festas. “No carnaval de 1932, os foliões não tinham suas fantasias ameaçadas pelas chuvas que costumavam cair durante todo o mês de fevereiro. O sol prometia não abandonar a folia daquele ano”<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> MAIA NETO, Emy Falcão. Do Banho “de chuva” e outras “danações”: Sociabilidades nos “tempos de meninos” em Fortaleza. (1890-1940). In: *Revista de História Saeculum*. João Pessoa, jul./dez. 2012, p. 95.

<sup>10</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>11</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. 2ª ed. Fortaleza. Editora: Museu do Ceará. 2014.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 32.

Desde os primeiros tempos de convivência do homem com o semiárido - região onde fica a maioria dos estados do Nordeste, tendo o Ceará a maioria do seu território dentro dela, este teve de conviver com os períodos de irregularidades de chuvas. Esta irregularidade se converteu numa característica do Nordeste diante de diversos processos históricos, tendo toda uma cultura de sentidos sobre a relação do nordestino para com a seca. Sobre a elaboração dessas significações, o historiador Frederico de Castro Neves afirma que, “quando falamos em seca, estamos nos referindo aos terríveis acontecimentos sociais”, sendo “que este fenômeno climático, por si só, não causa desgraças sociais nem favorece ao desenvolvimento”<sup>13</sup>. Assim, o autor propõe que alguns dos maus hábitos e valores construídos histórica, social e culturalmente pela sociedade brasileira, aqui em específico, as pessoas que estão ligadas diretamente aos estados que sofrem com as secas, como a corrupção, economia de subsistência, é que colocam a sociedade em um ponto vulnerável diante das irregularidades climáticas.

12 | Os homens e mulheres que estavam antes da ocupação no período colonial compreendiam a terra numa relação de reciprocidade, eles faziam parte da natureza. Após a colonização, percebe-se a inserção de novos valores para com ela. Os colonizadores davam a terra o valor comercial, buscavam explorar em prol das riquezas que poderiam arregimentar. Neste período, o rio tem papel importante para as entradas no sertão, pois serviam como “caminhos naturais para explorar os espaços desconhecidos”<sup>14</sup>. Os principais rios e poços davam a terra o valor, sendo as margens dos rios pontos estratégicos para a instalação das fazendas de criação de gado e plantações. No entorno dessas fazendas foram erguidos povoamentos, depois vilas e tantas cidades vistas atualmente, como Sobral, Santa Quitéria, Forquilha, Groaíras, dentre outras.

As casas do “interior” ou do sertão, fazendo menção ao espaço rural, são núcleos de uma indústria doméstica; estas servem para o espaço de morada, mas também de trabalho. Próximo a casa há o curral, a criação de animais domésticos, as plantações de comida. Como já exposto acima, desde outros períodos o rio oferece facilidade à sobrevivência do homem, aqui especificamente, ao sertanejo. As casas, em sua maioria, são localizadas nas proximidades dos braços dos rios ou riachos. Tal localização facilita no momento de ir buscar água para beber e cozinhar, tomar banho e criar os animais.

Nas casas não havia banheiros, sendo necessário o deslocamento para os rios para tomar banho, lavar roupa, buscar água para beber. Luiza Paiva

<sup>13</sup> NEVES, Frederico de Castro. A Seca na História do Ceará. In: SOUSA, Simone de (Org.), *Op. cit.*, p.100-101.

<sup>14</sup> PINHEIRO, Francisco José. Mundos em confronto: povos nativos europeus na disputa pelo território. In: SOUSA, Simone de (Org.), *Op. cit.*, p. 17.

Moura diz que os costumes eram diferentes naquelas épocas, as pessoas não tinham acesso às “facilidades” que hoje em dia se têm:

Tinha não. Ninguém tinha banheiro em casa. Tomava banho, ia tomar banho no rio, de manhã e à tardinha. Fazia as cacimbas na areia, nas areia, os rio, quando ficava aquele poço no verão a gente fazia aquelas cacimba debaixo da oiticica na sombra, a água era gelaaada!!! Parecia água de geladeira! Prá gente tomar banho<sup>15</sup>.

O hábito de tomar banho no rio era necessário, o uso do rio era uma prática habitual, pois não se conhecia ou se tinha acesso a outro, caso não houvesse possibilidade de tomar banho no rio por conta de alguma doença ou no caso das mulheres, algum “incômodo” em referência ao período menstrual, o banho se deslocava para a casa: “De manhãzinha. À tarde ninguém ia. Levava água na cabeça ou no jumento, prá esfriar e tomava banho em casa, só ia de manhã pro rio, a tarde não ia não. Ninguém tinha banheiro, tomava no ponto reservado assim detrás da casa, assim numa área”. Buscava-se, portanto, um espaço escondido, uma área privada dos olhares dos curiosos ou desavisados, principalmente do sexo masculino. Havia também o pudor entre os sexos, as mulheres não podiam tomar banho nos mesmos lugares em que os homens. Sobre isso ela diz que “era homem pra um lado e mulher pra outro! Tinha, tinha os local, tomar nas oiticica, aonde a gente se escondia pra tomar banho”<sup>16</sup>.

| 13

O ato de tomar banho está ligado à necessidade de se estar limpo, longe de micróbios que podem trazer doenças, ou apenas longe do mau cheiro dos corpos. Essa construção se deu a partir do século XX, com os valores e sentidos que chegavam com a modernidade. Elizabete Kobayashi e Gilberto Hochman<sup>17</sup>, ao discutirem sobre a relação entre consumo e mudança de hábitos por meio de novos produtos industrializados, relacionados à saúde e à higiene durante a segunda metade do século XX, apontam que a vida moderna tinha com o ideal uma vida higiênica, assim o banho e a limpeza estavam sendo inseridos como sinônimos de saúde e antônimos de atraso.

A dissolução desses novos hábitos, segundo os autores acima referidos, se deu principalmente com o alcance da imprensa e os anúncios publicitários veiculados por ela. Os anúncios vendiam sabonetes, perfumes, cosméticos em geral. No tocante a este movimento, os autores apontam que:

<sup>15</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>16</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>17</sup> KOBAYASHI, Elizabete. HOCHMAN, Gilberto. O “CC” e a patologização do natural: higiene, publicidade e modernização no Brasil do pós-Segunda Guerra Mundial. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 23. n.1, p. 67-89. jan. - jun. 2015, p. 67.

No período compreendido entre a segunda metade dos anos 1940 até a primeira metade dos 1960, o Brasil experimentou a consolidação de um mercado de bens de consumo e de um parque industrial que se mesclou à experiência democrática do período. Esse mercado consumidor vinha se constituindo desde o início do século XX. Contudo, no período em questão, este processo acelera-se, com o adensamento de uma classe média urbana, com a modernização da imprensa e da publicidade no Brasil – dinâmicas sob a égide da ideia de desenvolvimento. Esses novos bens materiais e simbólicos traduziam, também, a aspiração à modernidade e ao progresso desses setores urbanos e da própria elite política<sup>18</sup>.

Na zona urbana há maior influência da imprensa, no entanto, nas áreas rurais os produtos de origem natural eram mais utilizados, como o sabão feito em casa, de óleo de oiticica<sup>19</sup> e de gordura de animais, como explica Luiza:

Sabão? Fazia sabe de quê? O sabão era feito do óleo de oiticica. A gente comprava a potassa, soda caustica, que era chamada. A gente comprava, e apanhava na época que tinha a oiticica, quando, numa época que tinha, a gente apanhava e deixava pra um ano, dois, fazia o azeite, a gente quebrava a oiticica, tirava o miolo dela, passava no moinho, aí botava dentro numa vazia no fogo, quando começava a ferver aí subia o óleo, o azeite. Aquele azeite, a gente tirava todinho e guardava nas garrafas, guardava dentro numa vazia de barro, umas panela de barro, uns potes de barro, aí a gente ia fazer o sabão, aí juntava alguma gordura, de algum bicho que a gente ia matando, e aí ajudar a guardar aquelas gorduras, misturava gordura de gado, de criação, do que tivesse<sup>20</sup>.

E quando questionada se o sabão ficava cheiroso, ela afirma com bastante entusiasmo: “Ficava! A gente cozinhava bem, ficava aquele cheirinho de oiticica. A gente lavava roupa só no rio, lavava até a cabeça porque era bom pra caspa, ficava com o cabelo lindo”<sup>21</sup>.

Mas sem o acesso democrático à água ou aos produtos, “a boa aparência física, resultado do ‘corpo moderno’, limpo e higienizado ainda não se democratizara”<sup>22</sup>. Ainda segundo Mary Del Priore, “havia pessoas que consideravam o banho um mal necessário”<sup>23</sup>, não se tinha este hábito de tomar banho

<sup>18</sup> *Id. Ibid.*, p. 68

<sup>19</sup> A **oiticica** (*Licania rigida*) é uma planta da família Chrysobalanaceae, endêmica na caatinga e na vegetação típica da faixa de transição entre o sertão semiárido do Nordeste e a região Amazônica (Mata dos Cocais). Nesta mata se encontra a palmeira babaçu, da qual é extraído o óleo utilizado na fabricação de cosméticos, margarinas, sabões e lubrificantes.

<sup>20</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>21</sup> *Idem*.

<sup>22</sup> DEL PRIORE, *Op. cit.*, p. 309

<sup>23</sup> *Idem*.

todos os dias. Luiza Paiva Moura conta que seu pai não tomava banho todos os dias:

Era assim: se ele ia trabalhar, olha, ele tinha um terreno na Mutamba, ele tinha que passar o rio né? Todo dia que ele vinha ele tomava um banho no rio, ele passava o rio tomava um banho, trazia aquela coisinha dele, quando a gente tinha cacimba, ele tomava banho. Aí quando era de tarde, ele era difícil tomar banho. Agora tomar banho bem banhado mesmo, dia de domingo de manhã ele ia logo tomar banho, tirar a barba [...] <sup>24</sup>.

O banho do rio pode significar higiene, mas, para além do espaço de prática de hábitos individuais, servia também como lugar de sociabilidades e lazer. Sobre isso Luiza diz que “a gente brincava quando ele dava as enchentes no inverno, era muito bom a gente lavar roupa, pescar. Pegava o peixe com o anzol. Quando as águas diminuía, a gente pegava com um landuá” <sup>25</sup>.

A água para beber e cozinhar alimentos era levada para casa e, considerando as distâncias, isso significava tarefa diária a ser cumprida pelas mulheres. Quem não tinha o suporte da força animal como o jumento, transportava a água nos potes ou latas na cabeça, utilizando a “rudia” (rodilha) - uma peça de pano enrolada e posta sobre a cabeça como uma coroa, para diminuir o desconforto do peso.

| 15

O trabalho nos roçados era realizado por todos, pouco se distinguia o gênero no momento do trabalho, sendo que ele significava a alimentação de toda a família. Francisco Antonio de Paiva Cunha <sup>26</sup>, agricultor e morador da mesma Fazenda Passagem, diz sobre a vida naquele tempo: “Era bem, era sempre focado na agricultura mesmo. Na época tinha muito... a gente plantava muito algodão, a gente colhia oiticica, palha de carnaúba, a gente sobrevivia disso. E da agricultura também”. Antonio é um dos irmãos mais jovens de Luiza; ele vivenciou um período posterior a Luiza, mas demonstra em sua fala que aquele cotidiano era voltado ao trabalho na agricultura, sendo que esta atividade era tão importante para a manutenção da casa e da família que não havia tempo para estudar quando mais jovem. Sobre isso ele diz que: “É, tinha que trabalhar, aí o tempo sobrava muito pouco prá gente ir estudar” <sup>27</sup>.

Assim, o trabalho estava em todos os espaços, em casa, com as tarefas diárias que requeriam esforço, como o transporte de água, assim como na lida com as vacas ou nos roçados, fazendo “brocas” - o corte ou arranca do mato seco para preparar aquele espaço para a queima, para servir de roçado

<sup>24</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>25</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>26</sup> Francisco Antonio de Paiva Cunha, 52 anos de idade, Agricultor. Entrevista realizada pela autora em 16 de maio de 2017. Fazenda Passagem, Santa Quitéria-CE.

<sup>27</sup> Francisco Antonio de Paiva Cunha. Entrevista já citada.

para a plantação do milho e do feijão. As plantações ficavam mais próximas dos rios, nas “croas” - as margens dos rios - lugares mais favoráveis aos plantios que necessitassem de mais irrigação, como a:

[...] plantação de cheiro verde, de batata doce, na beira do rio Groaíras, e tinha capim, pro gado. E plantação de milho e feijão nas croa do rio. E aí tudo era, de onde a gente tirava o sustento. No verão a gente aguava com motor, aqueles que tinha condições de ter. Aquele que não tinha, às vezes fazia mesmo aguação só em mão, jogando com a vasilha, com a cuia, jogando a água pra as plantação na croa do rio. Nas margem do rio a gente chama croa<sup>28</sup>.

### **Antes do açude Edson Queiroz**

16 | Uma questão que se faz presente na região são os períodos de secas, que ocorrem mais no semiárido, e deve ser levantada neste trabalho. Faz-se importante na medida em que discutimos os hábitos do homem do sertão vinculados à sua proximidade ou necessidade das fontes de água para sua sobrevivência. Ao perguntarmos a Luiza Paiva se ela tinha lembrança de uma seca que tivesse afetado sua região e sua família com a falta de água, ela afirma que não havia vivenciado um momento em que não tivesse água para beber ou utilizar. Mas que, em anos de pouco ou nenhum inverno, o trabalho para encontrar água era maior, pois,

[...] só que tinha que fazer umas cacimbas muito funda, e tinha uns arado que os homem inventava de madeira, aí botava um cavalo pra puxar, a ali eles fazia aquela areia, puxava areia pra trás, até dá na água. Aí ficava aqueles poço pros gado beber. E ali a gente utilizava aquelas cacimbona funda pra tirar água pra lavar, lavava roupa nas cacimbas, botava água nas vazia pra lavar<sup>29</sup>.

Após o nascimento da entrevistada no ano de 1961, a pior seca seria a de 1978 a 1982. Podemos questionar que Luiza não tem lembrança de uma seca tão forte por morar às margens do rio, ou por que a memória da entrevistada compreendeu que a seca estava tendo como referência apenas a falta de água. Desde o século passado, os governos passaram a realizar políticas e departamentos de “ajuda” e controle para os retirantes da seca, como o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e a SUDENE (Supe-

<sup>28</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>29</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

rintendência do Desenvolvimento do Nordeste)<sup>30</sup>, que organizavam obras públicas, como a construção de barragens e açudes, distribuía bolsões – cestas de alimentos – em períodos de seca. Uma dessas obras foi a construção do Açude Edson Queiroz, no leito do Rio Groaíras, concluído em 1987.

Depois da construção do açude, o Rio Groaíras passou a ter água corrente durante todo o ano. A instalação do açude proporcionou facilidade na vida dos moradores. Ao ser questionada sobre como as pessoas que moram no sertão utilizam a água do rio, a nossa entrevistada afirma que “tem facilidade, porque tem água, tem os motor pra puxar água do rio pra casa, e o rio agora tem a água, é permanente, descendo na margem do rio, aí tem água encanada nas casas”<sup>31</sup>. Ela diz que esta facilidade é consequência da construção do açude, visto que as dificuldades em se obter água ficaram para antes: “porque isso aí era antes do açude Edson Queiroz, aí agora tem o açude nas cabeceiras do rio, aí agora a água desce”<sup>32</sup>.

No tempo presente as pessoas da comunidade utilizam água nas torneiras, pois motores puxam a água para as casas. Os banhos de rio e as lavagens de roupa no rio são uma escolha, pois há casas com lavanderia, e os banhos são apenas lazer e apreciação da natureza – todavia, não queremos generalizar os fatos, infelizmente não são todas as famílias que possuem as “facilidades” dos tempos modernos, muitas ainda não tem base financeira para alcançar esses usos.

A água para beber era levada no lombo do jumento e retirada da cacimba de areia, mais clara, por ser mais limpa. Ao chegar em casa era colocada nos potes de barro e ali a água ficava gelada, como a de geladeira. Geladeira que veio chegar muito tempo depois da energia elétrica. O tempo corre diferente em cada canto do Brasil, concordamos com Mary Del Priore. As memórias trazem a descrição detalhada de cada gesto feito naquele tempo, e isso nos foi útil para compreendermos como aquele tempo e as mudanças que aconteciam a cada instante eram sentidas por quem o vivia, porque a subjetividade de cada narrador é expressa a partir da forma como este indivíduo foi construído na sociedade, e como ele se entende dentro dela.

Por fim, as mulheres e homens do espaço que conhecemos aqui lembraram e falaram das suas vivências no período que escolhemos como recorte, mas também falaram de um período que o antecedeu, a partir do presente em que estão. O que permaneceu disso foi a significação das práticas passadas do homem sertanejo que hoje se constroem como tradições, a cultura em torno do rio e sua valorização como fonte de vida e energia para gerações

<sup>30</sup> NEVES, *Op. cit.*, p. 80.

<sup>31</sup> Luiza Paiva Moura. Entrevista já citada.

<sup>32</sup> *Idem.*

antepassadas e presentes. Acreditamos que o leitor entendeu por diversos caminhos que o rio se faz presente nesta cultura sertaneja. Por fim, podemos concluir com as palavras de orgulho e saudade que a memória de Francisco Antonio de Paiva Cunha, que diz: “O rio é uma riqueza imensa”<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Francisco Antonio de Paiva Cunha. Entrevista já citada.

## Autores desta obra

*Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos*

*Nossa Gente, Nossa História* é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355